

# O MASSACRE DE MONTREAL: MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E TEXTOS JORNALÍSTICOS

*Ana Carolina da Rocha* (UNIGRANRIO)  
[anampb78@gmail.com](mailto:anampb78@gmail.com)

*Daniele Ribeiro Fortuna* (UNIGRANRIO)  
[drfortuna@hotmail.com](mailto:drfortuna@hotmail.com)

*Rosane Cristina de Oliveira* (UNIGRANRIO)  
[rosanecrj@hotmail.com](mailto:rosanecrj@hotmail.com)

## RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo analisar textos jornalísticos sobre o massacre de Montreal, principalmente no que diz respeito ao conceito de masculinidade hegemônica e suas consequências diante da violência de gênero. O massacre de Montreal foi um trágico episódio ocorrido na Escola Politécnica de Montreal (Canadá), em 6 de dezembro de 1989, em que um jovem cometeu suicídio após matar 14 mulheres. O fato aconteceu quando Marc Lépine, de 25 anos, entrou em uma sala de aula e pediu para que os rapazes da turma se retirassem. As 14 mulheres que permaneceram no local foram mortas com tiros à queima roupa por ele. Em seguida, Marc Lépine suicidou-se deixando uma carta na qual dizia que tinha feito isso porque não suportava a ideia de ter mulheres estudando naquela escola para exercerem profissões que, na opinião dele, eram exclusivamente masculinas. A análise terá como foco teórico textos sobre masculinidade hegemônica, principalmente de autores como Connell (2013) e Nolasco (2001).

### Palavras-chave:

Masculinidade Hegemônica. Texto jornalístico. Massacre de Montreal.

## RESUMEN

Esta comunicación tiene como objetivo analizar textos periodísticos sobre la masacre de Montreal, principalmente en lo que respecta al concepto de masculinidad hegemónica y sus consecuencias frente a la violencia de género. La masacre de Montreal fue un episodio trágico en la Escuela Politécnica de Montreal (Canadá) el 6 de diciembre de 1989, en el que un joven se suicidó tras matar a 14 mujeres. El hecho ocurrió cuando Marc Lépine, de 25 años, entró en un aula y pidió a los chicos de la clase que se fueran. Las 14 mujeres que permanecieron en el lugar fueron asesinadas a quemarropa por él. Entonces Marc Lépine se suicidó dejando una carta en la que decía que lo había hecho porque no soportaba la idea de que en ese colegio estuvieran mujeres para ejercer profesiones que, a su juicio, eran exclusivamente masculinas. El análisis se centrará en textos de complejidad hegemónica, principalmente de autores como Connell (2013) y Nolasco (2001).

### Palabras clave:

Masculinidad hegemónica. Texto periodístico. Masacre de Montreal.

## 1. Introdução

A violência de gênero é uma realidade que atinge o mundo inteiro e não é um problema só para as mulheres. Infelizmente, no Brasil, a violência é ainda muito grande. Segundo Pombo (2019), cerca de trezentas mil mulheres relatam serem vítimas da violência de seus maridos, namorados ou companheiros a cada ano. Independente do “motivo” que faz com que ocorra a violência, pois para esta não há discriminação de idade, raça, etnia, classe social e as formas de expressão são as mesmas em qualquer lugar: ameaças, atentados ao pudor, lesões corporais, calúnias, estupro, humilhações, homicídios..., esta está intimamente relacionada a fatores culturais. Pode estar ligada, por exemplo, a relações amorosas/sexuais, a relações sociais, à educação atrelada à diferenciação de valores e papéis ligados ao sexo etc.

No livro *Dominação masculina*, Bourdieu (1998) apresenta como se constituem as relações de dominação-submissão. O autor utiliza para essa análise a sua teoria sobre a *violência simbólica*, na medida em que percebe que o fenômeno da dominação está impregnado não apenas nos sistemas de pensamento em que masculino e feminino fazem parte de uma escala de valores, mas também se expressa no próprio corpo através de esquemas perceptivos que constituem o *habitus*.

Para Áran (2003 p. 03), “a violência de gênero se expressa e se reproduz culturalmente através de comportamentos irrefletidos, aprendidos historicamente e socialmente”. A autora se espelha em Bourdieu (1998) ao defender a ideia de que a dominação masculina é aprendida pelo homem e absorvida pela mulher inconscientemente. O pensador nos mostra como o fato social e histórico da dominação masculina se transforma em algo passível de ser naturalizado.

Outro fator fundamental a se considerar quando se trata da violência de gênero é a questão do discurso. Em relação ao discurso, trabalhamos com este conceito conforme apontado como Foucault (2012, p. 46), para o qual: “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos”. De acordo com Foucault ainda (1966, p. 405), “onde houver discurso, as representações expõem-se e justapõem-se; as coisas assemelham-se e articulam-se”. Nesse sentido, é possível conhecer as coisas e sua ordem somente “através da soberania das palavras” (FOUCAULT, 1966, p. 405).

E como reflexo da sociedade e uma importante dimensão cultural, o discurso da imprensa é fundamental para entendê-la. Atuando numa via

de mão dupla, a imprensa não apenas é pautada pelos anseios da sociedade, como pauta as discussões que, muitas vezes, dão origem a esses anseios.

Isso posto, faremos uma análise sobre a repercussão na imprensa brasileira do Caso do Massacre de Montreal para compreendermos os textos jornalísticos abordam a masculinidade hegemônica e também o que o silêncio sobre o tema nos fala. Antes, entretanto, faremos uma reflexão sobre a construção da masculinidade hegemônica.

## **2. A construção da masculinidade hegemônica**

A masculinidade, assim como a feminilidade, é uma categoria ficcional sobre os sexos, os gêneros e a sexualidade na medida em que concordamos com Butler (2003) que o corpo, o gênero e sexualidade são construções culturais que são modificadas de acordo com cada cultura e sociedade. Tais modificações de significados acontecem em distintos períodos históricos numa mesma sociedade. Portanto, o corpo, o gênero e a sexualidade são construções sociais e culturais, não ontológicas, que “guiam” os sentidos em processos de interação social.

Para Foucault (1997), sexualidade não se limita à variabilidade das posições possíveis na cópula, nem se refere às diferenças biológicas, e tampouco se restringe ao conjunto dos conteúdos inconscientes. Sexualidade seria um modelo construído socialmente que orienta a expressão dos desejos, emoções, motivações, fantasias, condutas e práticas corporais que singularizam o indivíduo física e psicologicamente. Todavia, esse modelo estaria orientado pelos discursos e práticas normatizadores da família e da ordem social enaltecidos pelo discurso médico-científico do século XIX.

Sendo assim, a masculinidade é construída socialmente a partir de configurações de práticas de poder como nos mostra Kimmel (1998):

Socialmente construídas, [...] nem míticas, tampouco biológicas; [...] (as) masculinidades variam de cultura a cultura, variam em qualquer cultura no transcorrer de certo período de tempo, variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidades e variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. (KIMMEL, 1998, p. 105)

A natureza hegemônica da “masculinidade hegemônica” é derivada da teoria sociológica da hegemonia cultural de Gramsci (1999), que

analisa as relações de poder entre as classes sociais de uma sociedade. Assim, no termo “masculinidade hegemônica”, o adjetivo “hegemônico” se refere à dinâmica cultural por meio da qual um grupo social reivindica e sustenta uma posição dominante em uma hierarquia social:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL, 2013, p. 245)

Segundo Connell (2013), o conceito de masculinidade hegemônica, por ser normativo, vem gerando a subordinação das mulheres em relação aos homens. A autora também aponta a exposição dos homens diante de situações de risco, como também acerca de suas dificuldades para lidar com as próprias incapacidades e sofrimentos. Tal conceito serviu como referência para pesquisas em desenvolvimento sobre homens e masculinidade, substituindo a teoria do papel sexual e os modelos categoriais da psiquiatria. Assim, ao pesquisarmos o conceito de masculinidade hegemônica, podemos problematizar e compreender questões relacionadas ao poder, à violência e à desigualdade como apresenta Oliveira (2004):

[...] a masculinidade hegemônica é sustentada e mantida por um amplo segmento da população masculina em função da gratificação fantasiosa de fazer parte do poder que ela proporciona, além, é claro, dos motivos concretos, tal como poder retirar daí benefícios (melhores salários e postos, por exemplo) através da dominação institucionalizada masculina em relação às mulheres. (OLIVEIRA, 2004, p. 105)

Ao longo do tempo, a masculinidade hegemônica propiciou (e ainda propicia) a prática da violência, podendo ter *status* de crime hediondo, se considerarmos os modos como os homens reproduzem o papel hierárquico em relação à mulher. Diante dessa relação de poder, a masculinidade hegemônica busca explicar como os homens mantêm papéis sociais dominantes sobre as mulheres e outras identidades de gênero que são percebidas como “femininas” em uma determinada sociedade.

Almeida (1995) considera que a masculinidade hegemônica envolve um discurso que atribui aos homens potencial privilegiado de dominação e superioridade social. O patriarcado seria uma ordem de gênero específica na qual a masculinidade hegemônica define a inferioridade do feminino a das masculinidades subordinadas. Nesse sentido, é possível

afirmar que a masculinidade não é algo natural, porém, construído culturalmente como afirma Oliveira (2004):

A masculinidade (assim como a feminilidade) não é objetiva e nem natural, mas dependente de formas culturais dentro das quais emerge. Ou seja, a masculinidade é construída num espaço social, político, cultural e só pode ser compreendida dentro dos suportes simbólicos do masculino e do feminino próprios de cada sociedade. Essa postura exige que se realize uma releitura de todo o nosso entorno, o que significa, por exemplo, repensar a cultura, a linguagem, os meios de comunicação social, as instituições como a família ou a religião e os processos políticos, a partir de uma perspectiva não só feminina, mas também masculina. (OLIVEIRA, 2004, p. 17)

A questão da masculinidade hegemônica está presente nos discursos da sociedade, e, implícita ou explicitamente, do discurso jornalístico também. Nesse sentido, como estudo de caso, faremos uma análise de notícias publicadas sobre o Massacre de Montreal na imprensa brasileira. Iniciaremos com textos da época, para, em seguida, refletirmos sobre notícias mais recentes que se relacionam ao fato.

### ***3. Uma análise sobre a masculinidade hegemônica através de notícias de jornais sobre o Massacre de Montreal***

O massacre de Montreal foi um trágico episódio ocorrido na Escola Politécnica de Montreal (Canadá), no dia seis de dezembro de 1989, em que um jovem cometeu suicídio após matar 14 mulheres. O fato aconteceu quando Marc Lépine, de 25 anos, entrou em uma sala de aula e pediu para que os rapazes da turma se retirassem. As quatorze mulheres que permaneceram no local foram mortas com tiros à queima roupa por ele. Em seguida, Marc Lépine suicidou-se deixando uma carta na qual dizia que tinha feito isso porque não suportava a ideia de ter mulheres estudando naquela escola para exercerem profissões que, na opinião dele, eram exclusivamente masculinas.

Como aponta Connell (1995, p. 14), “a masculinidade é um conjunto de comportamentos aprendidos desde a infância que surgem da premissa patriarcal de viver em um sistema que, por gerações, privilegiou a experiência masculina acima de tudo”. Diante dessa questão construída socialmente, é possível afirmar que Lépine é fruto de uma sociedade patriarcal que reproduz a intolerância e o machismo ao longo da história, e que este ponto de vista está presente no discurso jornalístico.

Tal afirmação pode ser ratificada ainda por meio da análise do que dizem – e do que não dizem – os textos jornalísticos. Antes de iniciarmos a busca sobre o Massacre de Montreal na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, acreditávamos que encontraríamos diversas notícias sobre o fato nos jornais e revistas brasileiros. Entretanto, apenas dois veículos o noticiariam: a extinta Revista *Manchete*, do Rio de Janeiro, e um jornal de Curitiba, o *Correio de Notícias*. Chama atenção o fato de que um episódio de tamanha violência – o maior assassinato em massa da história do Canadá - tenha tido tão pouca repercussão no Brasil.

Na verdade, o silêncio sobre esse fato pode estar relacionado ao momento que o país atravessava naquele momento. A ditadura havia se encerrado em 1985, mas deixava o seu rastro: pouco ou nenhuma discussão sobre assuntos considerados “polêmicos” ou sem importância para a época – e um deles era a questão de gênero.

O primeiro texto analisado é do jornal *Correio de Notícias*. Trata-se de uma nota de sete parágrafos, que está localizada em parte pouco nobre da página do jornal – do lado esquerdo, na parte superior. A notícia se inicia com um lead clássico, ou seja, relatando o que aconteceu, como, quando, onde e por quê. Informa ainda que o criminoso levava consigo uma carta antifeminista.

O nome do criminoso não é revelado, mas o texto chama a atenção para o fato de que o assassino teria entrado numa sala de aula do curso de engenharia, pedido para que os homens se retirassem e começado a xingar as mulheres presentes de feministas. Em seguida, ordenara que se alinhassem contra a parede e atirou. Pouco tempo depois, ele se retirou da sala e se matou. Em relação à carta, esta não era endereçada a ninguém, apenas explicava o que o criminoso pretendia fazer.

A notícia se refere também ao fato de que um dos policiais teria encontrado sua filha entre as mulheres mortas e se encerra afirmando que a porta-voz do Comitê da Defesa da Mulher em Montreal, Charlene Nero, teria sido ameaçada de morte por telefone, seis semanas antes de crime, por ter distribuído panfletos feministas em um restaurante.

Curta, a nota não informa que tipo de repercussão o caso teve no Canadá, muito menos no Brasil. De fato, como afirmamos anteriormente, a questão de gênero não era uma pauta a ser discutida naquele momento no nosso país.

A segunda matéria, da Revista *Manchete*, tem duas páginas. Apresenta um antetítulo de impacto: “Ele odiava as feministas. Para descarregar sua raiva, matou 14 mulheres e se suicidou” (MASSACRE, 1989, p. 118). O texto se inicia de forma a mostrar seu tom: sensacionalista: “Se o dramaturgo inglês Shakespeare vivesse no século XX, com certeza, ampliaria para além das fronteiras da Dinamarca a constatação colocada na boca do personagem Marcelo, na peça *Hamlet*. Ele fatalmente diria que “ha algo de podre no reino do Planeta Terra”.

Em seguida, são listados na matéria diversos acontecimentos trágicos, como o genocídio do III Reich na Alemanha Nazista, a bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki etc., que são comparados “ao banho de sangue”, que ocorreu no “civilizado *primeiro mundo*” (Grifo de *Manchete*), cometida por um “desequilibrado mental” (MASSACRE, 1989, p. 118).

Como a outra, esta matéria também faz a alusão à carta, mas, dessa vez, dando detalhes de seu conteúdo. Nela, Marc Lépine afirma que as feministas haviam arruinado sua vida. Posteriormente, o texto dá continuidade à descrição dos fatos que ocorreram naquele 6 de dezembro de 1989. Adjetivos como “louco”, “insano” e “alucinado” são utilizados para se referir a Lépine e ao ato.

A chacina e o posterior suicídio de Lépine são descritos, e o texto é finalizado com o seguinte parágrafo: “O que restou foi o socorro aos feridos e o choro convulsivo dos familiares dos mortos ao se depararem com os corpos. E na consternação de um país inteiro, a triste certeza de que massacres como este são uma realidade cada vez mais frequente nestes tempos de ode aos *Rambos*” (Grifo de *Manchete*).

Em nenhum momento, são questionados os motivos que teriam levado Lépine a cometer este ato e por que ele detestava tanto as feministas. As feministas, por sua vez, não são ouvidas.

Diante dessa tragédia poderíamos dizer que esse homem era um doente mental e simplificar a questão. No entanto, nesse caso, acreditamos ser mais pertinente discutir o fato por meio de uma reflexão sociológica e política sobre o conceito de masculinidade hegemônica, de forma a tentar compreender como se constituiu a formação de Marc Lépine no que diz respeito à questão de gênero.

Lépine e Gagne (2008) relatam que o atirador Marc Lépine nasceu em Montreal no ano de 1964, era filho da enfermeira Canadense Moni-

que Lépine e do empresário Rachid Gharbi. Lépine foi abandonado pelo seu pai aos sete anos após o término de um casamento abusivo. Durante toda a sua primeira infância, presenciou cenas de abuso do pai em relação à mãe. Após a separação, Marc Lépine e sua irmã mais nova foram morar com outras famílias, já que sua mãe precisava trabalhar para sustentar a família. Por isso, contato com a mãe apenas nos fins de semana. Nascido com o nome Gamil Rodrigue Liass Gharb, aos quatorze anos, consegue mudar seu nome para Marc Lépine alegando ódio ao seu pai. No início da sua fase adulta, candidatou-se às Forças Armadas, porém, foi rejeitado. Aos dezoito, começou a fazer parte de um programa de ciências em uma faculdade, mas decidiu abandonar. Em seguida, foi demitido de seu emprego em um hospital. Posteriormente, iniciou um curso de programação de computadores, no entanto, também abandonou novamente antes da conclusão. Lépine solicitou duas vezes a admissão na École Polytechnique, mas não conseguiu ser admitido, pois não tinha dois cursos obrigatórios.

Segundo Lépine e Gagne (2008), ele reclamava de mulheres que trabalhavam em empregos “não tradicionais”, ou seja, que ocupavam postos que, sob o seu ponto de vista, caberiam a homens como ele ocupar. Após vários meses de planejamento, incluindo a compra de um rifle semiautomático, o rapaz entrou na École Polytechnique e atirou nas mulheres, alegando que estava “lutando contra o feminismo”. Em seguida, o assassino se mudou para outras partes do edifício, visando encontrar mais mulheres, antes de se matar. No mesmo dia foi encontrada uma nota de suicídio em que Lépine culpava as feministas por arruinar sua vida.

Segundo a Rádio Agência Nacional (2017), as ações de Lépine foram atribuídas de várias maneiras, do ponto de vista psiquiátrico, com diagnóstico de transtorno de personalidade, psicose e distúrbio de apego, observando fatores sociais como pobreza, isolamento, impotência e violência na mídia.

Para o jornal *Nexo* (2017), o massacre é considerado pelos criminologistas e pesquisadores como um exemplo de crime de ódio contra as mulheres, na medida em que Lépine não soube lidar com seu fracasso e planejou um homicídio em massa para afirmar sua masculinidade.

A partir do que sabemos sobre a trajetória de vida de Lépine, podemos perceber que sua história foi marcada pela instabilidade, na qual a violência de gênero era prática comum. Em carta escrita no dia do assassinato em massa e na qual comunicava seu suicídio, Lépine deixou clara



a motivação do massacre, que era a de “dar um fim” às feministas, às quais se refere pelo uso da palavra “virago”, vocábulo de tom pejorativo utilizado para designar “mulheres agressivas” e com “características masculinas”.

A violência contra a mulher por razões de gêneros é histórica e tem um caráter estrutural, que se perpetua devido à sua posição de subordinação na ordem sociocultural patriarcal. Tal relação de poder está baseada em padrões de dominação, controle e opressão ao longo do tempo. A partir de condições históricas, são naturalizadas formas de discriminação contra a mulher e geradas práticas sociais que permitem ataques contra a sua vida.

No caso do Massacre de Montreal, observamos que Lépine vivenciava, desde a infância, a violência doméstica, pois assistia seu pai agredir a sua mãe. O abandono do patriarca também foi um fator que fez com que seu ódio fosse tão grande a ponto de trocar seu nome na medida em que não suportava a ideia de conviver com o sobrenome do pai. No início da fase adulta se depara com a frustração de não conseguir realizar seu sonho de entrar para as Forças Armadas e de ter acesso à faculdade. Lépine se sentia humilhado ao ver que as mulheres haviam conquistado espaço no território masculino, ou seja, lugar que pela construção da masculinidade hegemônica deveria ser exclusivamente do homem. A história nos mostra que a engenharia foi, por muito tempo, uma profissão predominante dos homens. Lidar com a realidade de ver mulheres em lugares que acreditava serem, por direito, dos homens foi algo avassalador para Lépine e sua resposta a essa suposta humilhação foi letal e política.

Para Caputi e Russell (1992), o massacre foi um ato político. Os autores relatam que Lépine odiava as mulheres, principalmente feministas. De acordo com os autores, numa sociedade racista e sexista, homens psicóticos e supostamente normais frequentemente atuam com atitudes racistas, misóginas e homofóbicas com as quais eles cresceram e se viram legitimados. As motivações de Lépine são evidentes e se tornam um dos mais agudos exemplos de uma criminosa ação provocada por crime de gênero. Seus assassinatos, no massacre de Montreal, foram crimes de ódio e tinham como alvos vítimas de crimes de gênero.

Entretanto, a imprensa aborda o fato como um ato de um louco, sem qualquer tipo de discussão mais aprofundada ou de problematização.

#### **4. Por novas masculinidades – notícias recentes sobre o Massacre de Montreal**

Uma busca na aba de notícias do Google do termo “Massacre de Montreal” resulta em inúmeros links, a maioria em francês. Como o nosso foco é a imprensa brasileira, verificamos somente os resultados de notícias em português. Ao todo foram seis – sendo que um era do site notícia minuto, que apresenta apenas notas curtas e, por isso, não foi considerado na nossa seleção -, em diferentes sites da imprensa brasileira, de diferentes estados, conforme quadro abaixo, organizados de acordo com a ordem que aparecem na internet. Para facilitar a organização e a referência ao longo do texto, nomeamos as notícias de N1, N2, N3, N4 e N5:

Tabela de notícias sobre o Massacre de Montreal.

<b>N</b>	<b>Título</b>	<b>Site</b>	<b>Data</b>
N1	Dia nacional de mobilização dos homens pelo fim da violência contra as mulheres	Portal da Cidade	04/12/19
N2	Dia do laço branco: homens pelo fim da violência contra as mulheres	Rádios EBC	07/12/16
N3	Projeto sobre violência contra as mulheres é oferecido para homens em Presidente Prudente	Solutudo – A cidade em detalhes	06/12/19
N4	CAMPANHA LAÇO BRANCO MOBILIZA HOMENS PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	Fato Amazônico	31/12/19
N5	MP DA PARAÍBA ADERE À CAMPANHA INTERNACIONAL DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	Jornal da Paraíba	27/11/18

Fonte: as autoras.

Todas as notícias têm em comum a abordagem: o combate à violência contra mulher. Em função do Massacre de Montreal, o dia 6 de dezembro foi instituído no Brasil como o Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra a Mulher. N1 divulga uma ação educativa, que será feita ao público masculino da cidade de Registro, São Paulo, por meio de panfletagem. A matéria salienta que há vários tipos de violência contra a mulher, além da doméstica. Refere-se a agressões, que vão desde o assédio sexual e moral, estupros e bullying na internet. Lembra como o crime mobilizou a opinião pública do Canadá, motivando um grupo de homens canadenses a criar a Campanha do Laço Branco (Whit Ribbon Campaign), cuja missão é “promover a igualdade

de gênero, relacionamento saudáveis e uma nova visão da masculinidade” (DIA NACIONAL, 2019).

N2 também trata sobre o Dia do laço branco. É apenas uma nota que relembra o massacre e ainda a mobilização que mobilizou os canadenses. Explica que “entre 25 de novembro e 6 de dezembro daquele ano, foram distribuídos cerca de 100 mil laços entre os homens canadenses. O dia 25 de novembro foi proclamado pela Organização das Nações Unidas, como o Dia Internacional de Erradicação da Violência contra a mulher” (DIA DO LAÇO, 2016).

Da mesma forma N3 também fala sobre o Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra Mulheres, relacionando-o ao Massacre de Montreal. Mas, dessa vez, personaliza o texto, contando a história do psicólogo Edson Marcelo Oliveira Silva, de Presidente Prudente, São Paulo, especialista em intervenções psicossociais em contexto de vulnerabilidade. Segundo a notícia, o psicólogo começou a trabalhar com mulheres em situação de violências e identificou a necessidade de realizar esse mesmo trabalho com os homens. Assim, organizou o Núcleo de Atenção ao Homem, cujo objetivo era refletir sobre a masculinidade tóxica e hegemônica.

O núcleo encerrou suas atividades após quatro anos de funcionamento, mas Edson deu continuidade ao trabalho, atuando em grupo reflexivos sobre gênero. Segundo a matéria, nas reuniões discutem assuntos relativos à prevenção contra violência. Entretanto, por falta de renda, em breve, o psicólogo também deverá encerrar essa rede de apoio. A notícia se encerra com o depoimento do profissional, segundo o qual “não existem políticas públicas que trabam o debate sobre a necessidade de atender esse público” (PETILE, 2016).

Além de abordar o tema da campanha do laço branco, apresentar estatísticas sobre violência doméstica no Brasil e referir-se ao Massacre de Montreal, N4 faz algumas recomendações aos homens, incentivando-os a refletir sobre o seu comportamento, como: questionar atitudes e comportamentos, ser respeitos com mulheres, jovens e crianças do sexo feminino, nunca usar força, ameaças ou violência nos relacionamentos, procurar ser um modelo e compartilhar com as pessoas ao redor a importância de respeitar as mulheres, aprender sobre o impacto da violência contra as mulheres e posicionar-se a respeito, apoiar uma possível vítima, ajudando-a a buscar auxílio especializado, reagir ao uso de linguagem ofensiva, piadas sexistas e intimidação (CAMPANHA, 2019).

Por fim, N5, além de tratar também sobre a campanha do laço branco e relembrar o Massacre de Montreal, informa sobre uma campanha local, “16 dias de ativismo pelo fim da violência contra mulher”, que se realizou em 2018, na Paraíba, e incluiu ações cujo objetivo era conscientizar a população sobre o tema, incentivando os paraibanos a se juntarem no combate à violência contra mulher (MP DA PARAÍBA, 2018).

Por meio das notícias aqui descritas, é possível perceber que o Massacre de Montreal teve o seu sentido ressignificado. Se a cobertura jornalística do final dos anos 1980 referia-se a Marc Lépine como um louco, desequilibrado, alucinado, a imprensa atual confere ao ato um sentido político. Nesse sentido, relembrar o ato se transforma numa maneira de repensar as masculinidades, ainda permeadas por diversos estereótipos.

Como vimos na primeira sessão, o conceito de gênero, oriundo dos debates feministas, é uma ferramenta útil para a compreensão das relações sociais que envolvem homens e mulheres. O conceito de gênero se refere à construção social e cultural do que é ser homem e do que é ser mulher, e de que maneira essa construção afeta a vida de ambos. Diversas pesquisas mostram que os estereótipos do que é ser homem e do que é ser mulher afetam a vida social, a saúde e a educação de homens e mulheres de diferentes maneiras. Segundo Scott (1995):

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995, p. 75)

De acordo com Aràn (2003), questão de gênero está presente nos mais diversos discursos filosófico, religioso, biológico/científico, psicológico, antropológico e social, incluído aí o discurso jornalístico. Para Collin (1998), a diferença sexual não é uma questão teórica, mas sim uma questão da práxis. A proposta dessa autora incorpora, em um diálogo contínuo, a igualdade e as diferenças sem negá-las, num constante jogo dialético em que a pluralidade e o diálogo são os princípios fundamentais:

[...] a masculinidade hegemônica não pode ser entendida como uma estrutura estabelecida de caráter de qualquer grupo de homens. Devemos questionar “como os homens se acomodam a um ideal e se tornam tipos que

são cúmplices e resistentes, sem que qualquer um incorpore exatamente aquele ideal". (COLLIN, 1998, p. 19)

A partir dessa definição, Collin (1998) propõe um conceito de masculinidades a partir de uma matriz feminista como caminho para a superação da desigualdade de gênero.

Medrado e Lyra (2008) afirmam que o conceito de masculinidades foi formulado no início da década de 1990 em relatórios de um estudo de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas. Os estudos pioneiros foram sistematizados no artigo "Towards a New Sociology of Masculinity", que criticavam a ideia de masculinidade hegemônica para pensar em novas masculinidades:

É preciso romper com modelos explicativos que, via de regra, reafirmam a diferença e que nos permitem somente explicar como ou por que as coisas são assim, mas que não apontam como ou por que as coisas assim são, mas que não apontam contradições, fissuras, rupturas, brechas, frestas... que nos permitam visualizar caminhos de transformação progressiva e efetiva. Apostamos na necessidade de abrirmos espaço para novas construções teóricas que resgatem o caráter plural, polissêmico e crítico das leituras & feministas. (MEDRADO; LYRA, 2008, p. 83)

Muitos dos autores pensaram inicialmente sobre as masculinidades desenvolvendo suas argumentações a partir de uma noção de crise dos homens como uma crise de um padrão de masculinidade hegemônica, o qual lhes sobrecarregava com o peso da masculinidade. Esta preocupação, ainda que contestável, foi de grande importância para incentivar a reflexão sobre a construção social das masculinidades.

Para Lisboa (1998), a raiz do medo dos homens em redefinir sua identidade se encontra no fato de que a masculinidade se constrói por oposição do que é culturalmente considerado feminino. Outros autores, porém, começam a refletir sobre as transformações a partir da ideia de que a masculinidade não implica necessariamente oposição à feminilidade. As discussões sobre um "novo homem" se inserem a partir daí, permitindo estabelecer uma relação com a temporalidade, vista que a visão acerca deste "novo homem" está relacionada a uma noção de transformação cultural na medida em que vivemos em um novo momento. A pauta da concepção de um "novo homem" se coloca sem que ainda se tenha muita clareza de seu significado.

Nolasco (2001, p. 15) aborda a necessidade de uma nova construção social focado na mudança do papel dos atores sociais masculinos pois acredita que "É justamente a crise do masculino que se define peran-

te esse processo de transição onde o homem ao se deparar com a obrigação de obter sucessivas vitórias se vê como sujeito que está fadado a enfrentar sucessivos fracassos”.

A busca por novas masculinidades está embasada nas visões de que as transformações no âmbito das relações de gênero apontam para novas demandas nos padrões de comportamento social e na aquisição de valores que rompem com padrões rígidos de comportamento e de representações do masculino e do feminino. Nesse sentido, a contribuição da imprensa é fundamental, pois é por meio dela que a maioria de nós tem acesso aos acontecimentos em todos os níveis – local, nacional e mundial.

## 5. *Considerações Finais*

Nesse artigo, verificamos que os discursos são fundamentais para se refletir sobre a violência contra a mulher, que é histórica e tem um caráter estrutural, que se perpetua devido à hegemonia masculina. Os discursos são baseados em relações de poder que, por sua vez, estão calcadas em em padrões de dominação, controle e opressão ao logo do tempo. A partir de condições históricas perpassadas por discursos, são naturalizadas formas de discriminação contra a mulher e geradas práticas sociais que permitem ataques contra a sua vida. Ao analisarmos o termo "masculinidade hegemônica" percebemos que tal hegemonia vem fazendo parte da dinâmica sustentando uma posição dominante alimentando, portanto, uma hierarquia social e naturalizando a desigualdade.

No artigo apresentamos duas visões da imprensa brasileira sobre o Massacre de Montreal – uma da época do massacre e outra atual -, o que nos permitiu perceber que novas masculinidades, ainda que de forma um tanto incipientes, foram sendo construídas ao longo do tempo. Se na década de 1989, o Massacre de Montreal foi um ato cometido por um tresloucado, hoje, talvez, seria consequência de uma visão tóxica de masculinidade, fomentando outros tipos de discussões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. V. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro/2003.

AUTOR de massacre em Montreal era antifeminista. *Correio de notícias*. Curitiba

BOURDIEU, P. *La domination masculine*. Paris: Seuil, 1998.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAMPANHA laço branco mobiliza homens pelo fim da violência contra as mulheres. Fato Amazônico, 31 dez 2019. Disponível em: <https://www.fatoamazonico.com/campanha-laco-branco-mobiliza-homens-pelo-fim-da-violencia-contra-as-mulheres/>. Acesso em: 05 out 2020.

CAPUTI, J.; RUSSELL, D. E. H. Femicide: sexist terrorism against women. In: RADFORD, J.; RUSSELL, D. E. H. (Eds). *Femicide: the politics of woman killing*. New York: Twaine Publishers, 1992.

COLLIN, F. (1992). *Práxis de la différence*. Paris: Les Cahiers du Grief.

CONNELL, R. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. v. 20 (2), 2013.

DIA DO LAÇO branco: homens pelo fim da violência contra as mulheres. Rádios EBC. 2016. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/vivamaria/edicao/2016-12/o-massacre-de-montreal-e-o-dia-de-mobilizacao-pelo-fim-da-violencia-contra>. Acesso em: 5 out 2020.

DIA NACIONAL de mobilização dos homens pelo fim da violência contra as mulheres. Portal da cidade. 2019. Disponível em: <https://registro.portaldacidade.com/noticias/saude/dia-nacional-de-mobilizacao-dos-homens-pelo-fim-da-violencia-contras-as-mulheres-2037>. Acesso em: 05 out 2020.

FÁBIO, A. C. Despreparo do homem heterossexual branco para lidar com fracasso heterossexual-branco-para-licar-com-fracasso-o-leva-%C3%A0-viol%C3%Aancia%E2%80%99

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.

KIMMEL, M. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, nº 9, 1998, p 105.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LÉPINE, M.; G.; Harold. *Aftermath*. [S.l.]: Viking Canada, 2008.

LISBOA, M. R. A. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

LÚCIA, C. *História Hoje: Em 1989, Massacre de Montreal ficou conhecido como ataque contra o feminismo*. *Rádio Agência Nacional*, Brasília, 06/12/2017. Disponível em: <https://radioagencianacional.etc.com.br/geral/audio/2017-12/historia-foje-em-1989-massacre-de-montreal-foje-conhecido-como-ataque-contra-o>

MACHADO, L. Z. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *cadernos pagu* (11), p. 231-73, 1998.

MASSACRE em Montreal. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1989, p. 118, 119.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre gênero para os estudos sobre homens e masculinidades homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.

MP DA PARAÍBA adere à campanha internacional de combate à violência contra a mulher. *Jornal da Paraíba*. 2018. Disponível em: [https://www.jornaldaparaiba.com.br/vida\\_urbana/mp-da-paraiba-adere-campanha-internacional-de-combate-violencia-contra-mulher.html](https://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/mp-da-paraiba-adere-campanha-internacional-de-combate-violencia-contra-mulher.html). Acesso: 05 out 2020.

NOLASCO, S. Um “Homem de Verdade”. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: SENAC, 2001.

OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PETILE, L. Projeto sobre violência contra as mulheres é oferecido para



homens em Presidente Prudente. *Solutudo* – A cidade em detalhes. 2016. Disponível em: <https://conteudo.solutudo.com.br/presidente-prudente/projeto-sobre-violencia-contra-mulheres/> Acesso em: 05 out 2020.

POMBO, M. F. Estrutura ou dispositivo: como (re)pensar a diferença sexual hoje?. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 2019.